

“Uma história de
força, amor, perdão
e segundas chances.
Os dois protagonistas
são incríveis e
perfeitamente
imperfeitos.”

Christy, Goodreads

*Mar
da
Tranquilidade*

KATJA MILLAY





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Em memória do meu pai
Porque ele mandou

Eu odeio a minha mão esquerda. Odeio olhar para ela. Odeio quando ela trava e treme e me lembra que eu perdi minha identidade. Mas ainda assim olho para ela, porque ela também me lembra que eu vou achar o garoto que tirou tudo o que eu tinha. Vou matar o garoto que me matou, e farei isso com a minha mão esquerda.

Capítulo 1

Nastya

A té que morrer não é tão ruim assim depois que já aconteceu uma vez.
E eu já morri.
Não tenho mais medo da morte.
Tenho medo de todo o resto.



Agosto na Flórida significa três coisas: calor, umidade opressiva e escola. *Escola*. Eu não vou à escola há mais de dois anos. A menos que estudar na mesa da cozinha com a mãe conte, mas para mim não conta. Hoje é sexta-feira. Meu último ano começa na segunda, mas eu não me matriculei. Se não for lá hoje, na segunda de manhã não vou ter a minha grade de horários e precisarei esperar na secretaria até receber uma. Acho melhor pular a cena de filme ruim dos anos 1980 em que eu chego atrasada no primeiro dia e todo mundo tem que parar o que está fazendo para olhar para mim, porque, mesmo que isso não seja o pior que pode me acontecer, ainda assim seria uma droga.

Minha tia entra no estacionamento da Escola Comunitária de Mill Creek comigo a tiracolo. É um colégio daqueles feitos em série. Tirando a cor pútrida das paredes e o nome na placa, é uma réplica exata do último em que estudei. Margot – ela me obrigou a omitir o “tia”, porque a faz se sentir velha – desliga o rádio que veio berrando durante todo o caminho. Felizmente é um trajeto curto, porque sons altos me deixam nervosa. Não

é o som em si que me perturba; só o fato de ser alto. Ruídos altos nos impedem de ouvir os baixos, e são os baixos que devemos temer. Agora eu consigo lidar com isso porque estamos no carro e em geral me sinto segura em carros. Lá fora é outra história. Nunca me sinto segura lá.

– Sua mãe espera que você telefone para ela quando terminarmos aqui – diz Margot. Minha mãe espera muitas coisas que nunca vão acontecer. No contexto geral, um telefonema não é pedir muito, mas isso não significa que ela vá receber um. – Você podia ao menos mandar uma mensagem de texto. Quatro palavras. *Me inscrevi. Tudo bem.* Se quiser ser generosa, pode até incluir uma daquelas carinhas felizes no final.

Do banco do carona, olho para ela de rabo de olho. Margot é a irmã caçula da minha mãe, uns bons dez anos mais nova. É o oposto dela em quase tudo. As duas não são nem parecidas, o que significa que Margot também não se parece comigo, porque sou a cara da minha mãe. Minha tia tem cabelo loiro-escuro, olhos azuis e um bronzeado permanente que mantém com facilidade trabalhando à noite e cochilando na piscina durante o dia, mesmo sendo enfermeira e sabendo que isso não faz bem. Eu tenho a pele branca e pálida, olhos castanho-escuros e cabelo comprido, ondulado, praticamente preto. Ela parece ter saído de uma propaganda de bronzeador. Eu pareço ter saído de um caixão. As pessoas teriam que ser idiotas para acreditarem que somos parentes, embora essa seja uma das poucas coisas verdadeiras a meu respeito.

Ela ainda está com aquele sorriso pretensioso, sabendo que, mesmo se não tiver me convencido a acalmar minha mãe, ao menos fez com que eu me sentisse um pouco culpada. É impossível não gostar de Margot, mesmo quando a gente se esforça muito para isso, o que me dá uma certa raiva dela, porque eu nunca vou ser assim. Ela me acolheu, não porque eu não tivesse mais para onde ir, mas porque não existe nenhum outro lugar em que eu suporte estar. Para sua sorte, ela só vai ter que me ver de passagem, porque quase nunca vamos estar em casa ao mesmo tempo quando as aulas começarem.

Mesmo assim, duvido que tomar conta de uma adolescente emburrada e amarga esteja entre as preferências de uma mulher solteira de 30 e poucos anos. Não é algo que eu faria, mas também não sou uma pessoa muito boa. Talvez seja por isso que fugi desesperadamente daqueles que mais me amam. Se eu pudesse ficar sozinha, ficaria. Com o maior prazer. Preferiria

a solidão a ter que fingir que estou bem. Mas não me dão essa opção. Então, aceito ficar com alguém que pelo menos não me ama tanto assim. Sou grata por ter Margot. Não que eu diga isso a ela. Não que eu diga qualquer coisa a ela. Não digo nada.

Quando entro, a secretaria está a maior confusão. Telefones tocando, copiadoras funcionando, vozes por toda parte. Há três filas que levam ao balcão. Não sei em qual entrar, então escolho a mais próxima da porta e torço pelo melhor. Margot vem atrás de mim e imediatamente me puxa para o lado, passando à frente de todo mundo até chegar à recepcionista. Sorte dela que eu a vi se aproximar. Do contrário, no instante em que encostasse no meu braço, ela já estaria com a cara no chão e o meu joelho nas costas.

– Temos horário com o Sr. Armour, o diretor – diz ela com autoridade.

Margot, a adulta responsável. Hoje está fazendo o papel de mãe. É um lado dela que não costumo ver. Ela prefere interpretar a tia gente boa. Como não tem filhos, a situação está um pouco além de sua capacidade. Eu nem sabia que tínhamos hora marcada, mas agora vejo que faz sentido. A recepcionista, uma mulher de aparência desagradável, que deve ter uns 50 anos, aponta para algumas cadeiras ao lado de uma porta de madeira escura que está fechada.

Só temos que esperar alguns minutos, e ninguém repara em mim ou me reconhece. O anonimato é legal. Pergunto-me quanto tempo irá durar. Olho para as minhas roupas. Não estou arrumada. Eu esperava entrar, preencher uns formulários, entregar a caderneta de vacinação e ir embora. Não contava com hordas de alunos na secretaria. Estou vestindo uma calça jeans e uma camiseta preta de gola V, ambas um pouco – está bem, muito – mais apertadas do que o necessário, mas, fora isso, totalmente comuns. Concentrei meus esforços nos sapatos. Pretos, de salto agulha. Onze centímetros de extravagância. Eu os uso mais pelo efeito do que pela altura, embora precise muito dela. Eu não teria me incomodado com isso hoje, só que precisava treinar. Meu equilíbrio melhorou, mas achei que um ensaio não faria mal. Prefiro não cair de bunda no chão no meu primeiro dia de aula.

Olho para o relógio na parede. O ponteiro dos segundos ecoa na minha cabeça, embora eu saiba que não é possível escutar o tique-taque com toda essa movimentação. Queria conseguir me desligar do barulho. É desconcertante. Há sons demais ao mesmo tempo, e meu cérebro tenta separá-los,

classificá-los em pilhas organizadas, mas isso é quase impossível com todas as máquinas e vozes se misturando. Eu abro e fecho a mão no colo e torço para sermos chamadas logo.

Após alguns minutos que parecem uma eternidade, a pesada porta de madeira se abre e um homem de 40 e poucos anos usando uma camisa e uma gravata que não lhe caem bem nos convida a entrar. Ele abre um sorriso acolhedor antes de se sentar numa enorme cadeira de couro. A mesa é imponente. Grande demais para a sala. Obviamente, a mobília foi escolhida para intimidar, porque o próprio homem não é capaz disso. Antes que diga muita coisa, concluo que ele é gentil. Espero estar certa, porque vou precisar contar com ele.

Eu me sento numa das duas poltronas de couro vinho à frente da mesa do Sr. Armour. Margot afunda no assento ao lado do meu e começa seu discurso ensaiado. Eu escuto enquanto ela passa alguns minutos explicando a ele minha “situação peculiar”. *Situação peculiar, sem dúvida.* Quando ela entra nos detalhes, eu o vejo olhar para mim. Ao me observar, seus olhos se abrem um pouco mais e eu noto um sinal de reconhecimento neles. É, sou eu. Ele se lembra de mim. Se eu tivesse ido para mais longe, talvez isto nem fosse necessário. O nome não lhe diria muito. O rosto, menos ainda. Mas estou só a duas horas de onde tudo aconteceu e, se uma pessoa que seja juntar as peças, eu volto para o mesmo ponto em que estava lá. Não posso correr esse risco, então aqui estamos, na sala do Sr. Armour, três dias antes do início do meu último ano de escola. Nada como deixar tudo para a última hora. Mas pelo menos não foi por culpa minha. Meus pais lutaram até o fim contra a mudança, até que enfim se renderam. Acho que tenho que agradecer em parte a Margot, embora o fato de eu ter partido o coração do meu pai talvez tenha ajudado um pouco. E é provável que todos eles já estivessem fartos.

Agora estou completamente alheia à conversa e me ocupo observando a sala de Armour. Não há muito com que me distrair; algumas plantas precisando de água e fotos de família. O diploma na parede é da Universidade de Michigan. O primeiro nome dele é Alvis. *Hein?* Que droga de nome é esse? Acho que nem significa nada, mas com certeza vou verificar depois. Estou pensando em possíveis origens quando vejo Margot pegar uma pasta e entregá-la a ele.

Anotações médicas. Um monte.

Enquanto ele observa os documentos, meus olhos são atraídos por um antigo apontador de lápis a manivela, de metal. Acho estranho. A mesa é sofisticada, elegante, de cerejeira, muito diferente das porcarias industrializadas baratas que os professores usam. Não entendo por que alguém iria instalar um apontador antigo desses numa mesa assim. É totalmente contraditório. Queria poder perguntar. Em vez disso, me concentro no aro de buracos ajustáveis para diversos tamanhos de lápis e imagino se o meu mindinho caberia em algum deles. Penso quão doloroso seria apontar o dedo e quanto sangue sairia quando ouço o tom de voz do Sr. Armour mudar.

– Nada mesmo? – pergunta ele, parecendo nervoso.

– Nada mesmo – confirma Margot.

Sua postura fingida de mulher direta está a pleno vapor.

– Entendo. Bem, vamos fazer o possível. Vou informar os professores dela antes de segunda-feira. Ela já preencheu um formulário com as matérias que pretende fazer? – E, infalivelmente, chegamos à parte em que ele começa a falar de mim como se eu não estivesse presente. Margot lhe entrega o formulário e ele dá uma olhada rápida no documento. – Vou passar isto para o departamento de orientação educacional, para que preparem a grade de horários dela até segunda de manhã. Não posso prometer que ela vá conseguir as eletivas. A maioria das turmas já está cheia a esta altura.

– Nós compreendemos. Sabemos que fará o que for possível. Agradecemos pela sua colaboração e, claro, pela discrição – completa Margot.

É um aviso. É isso aí, Margot. Se bem que eu não acho que seja necessário. Tenho a impressão de que ele quer mesmo ajudar. Além disso, acho que o deixo desconfortável, o que significa que é provável que ele torça para me ver o mínimo possível.

O Sr. Armour nos conduz até a porta, aperta a mão de Margot e acena com a cabeça de forma quase imperceptível para mim, com um sorriso forçado que imagino ser de pena ou, possivelmente, de desdém. Depois desvia o olhar rápido. Ele nos segue ao entrarmos de novo no caos da secretaria e pede para aguardarmos um instante, enquanto percorre um corredor até a sala do departamento de orientação educacional com os meus documentos na mão.

Olho em volta e noto que muitas das pessoas que tinha visto antes continuam na fila. Agradeço a qualquer que seja o deus que ainda acredita em

mim pela possibilidade de marcar hora. Prefiro limpar um banheiro químico com a língua do que passar mais um minuto que seja no meio desta poluição sonora. Ficamos paradas encostadas à parede, tentando não ficar no meio do caminho. Não há mais cadeiras livres.

Dou uma olhada para o início da fila, onde um boneco Ken de cabelo loiro-escuro lança seu melhor sorriso de conquistador para a Dona Desagradável do outro lado do balcão. Dona Desagradável agora resplandece sob a aura do charme do garoto. Não a culpo. Ele é do tipo de bonitão que transforma mulheres respeitáveis em idiotas completas. Eu me esforço para ouvir a conversa entre eles. Algo sobre um cargo de assistente de secretaria. *Aaah, seu folgado...* Ele inclina a cabeça para um lado e diz algo que faz a Dona Desagradável rir e balançar a cabeça com resignação. Ele conseguiu o que queria, seja o que fosse. Observo o leve movimento que faz com os olhos. Ele também sabe disso. Estou quase impressionada.

Enquanto ele espera, a porta se abre de novo e uma menina psicoticamente bonita entra e percorre a sala com o olhar até parar nele.

– Drew! – grita ela por sobre a confusão e todos se viram. Ela parece não notar. – Não vou ficar no carro o dia todo! Anda logo!

Eu a observo enquanto ela o encara, furiosa. É loira como ele, mas a cor é diferente – o cabelo dela é mais claro, como se tivesse passado o verão todo ao sol. É atraente da forma mais óbvia possível, com um top rosa de frente única bem recheado na frente e, numa obsessiva combinação de cores, uma bolsa da Coach também rosa. Ele parece se divertir um pouco com a irritação dela. Deve ser a namorada. Eles combinam, eu penso. *Ken Incendiador de Calcinhas acompanhado da Barbie Princesa Irritadinha: medidas inalcançáveis, bolsa de grife e rostinho zangado incluídos!*

Ele ergue um dedo, indicando que só vai demorar um minuto. Se eu fosse ele, escolheria outro dedo. Esse pensamento me faz sorrir e ergo a vista, deparando com ele, que sorri de volta, os olhos travessos brilhantes.

Atrás dele, Dona Desagradável rabisca algo rápido no formulário de Ken e assina no final. Devolve-o para ele, que continua olhando para mim. Eu aponto para ela e levanto as sobrancelhas. *Não vai pegar o que veio pedir?* Ele se vira e pega o formulário, agradece a Dona Desagradável e pisca. Pisca para a secretária menopáusica. Ele é tão gritantemente óbvio que seu comportamento quase parece fruto de inspiração divina. *Quase.* Ela ba-

lança a cabeça de novo e acena para que ele saia de lá. *Mandou bem, Ken. Mandou bem.*

Enquanto eu me entretinha com a encenação na secretaria, Margot cochichava com uma mulher que deduzo ser a orientadora educacional. Drew, que quero desesperadamente continuar chamando de Ken, ainda está parado perto da porta, conversando com outros dois garotos que esperam no fim da fila. Eu me pergunto se está tentando irritar a Barbie de propósito. Parece algo fácil de fazer.

– Vamos. – Margot reaparece e me conduz para a porta da frente.

– Com licença! – diz uma voz alta e esganiçada de mulher antes de chegarmos à saída. Todos na fila se viram de forma sincronizada e a observam. Ela segura uma pasta e aponta na minha direção. – Como se pronuncia este nome?

– Nás-ti-a – retruca Margot, e eu me contraio toda, dolorosamente ciente do público à nossa volta. – Nastya Kashnikov. É russo.

Ela fala as duas últimas palavras por sobre o ombro, bastante satisfeita consigo própria por algum motivo, antes de cruzarmos a porta com todos aqueles olhos grudados às nossas costas.

Ao chegarmos ao carro, ela solta um suspiro e adota de novo a postura da Margot que eu conheço.

– Bom, esse problema está resolvido. Por enquanto – acrescenta. Então abre aquele sorriso brilhante típico das jovens americanas. – Sorvete? – sugere, dando a impressão de que precisa disso mais do que eu.

Sorrio de volta, pois, mesmo às dez e meia da manhã, só há uma resposta a essa pergunta.

Capítulo 2

Josh

Segunda-feira, 7h02. Inútil. É o que o dia de hoje vai ser, junto com os 179 dias de aula que virão depois. Eu refletiria sobre o desperdício que tudo isso representa se tivesse tempo, mas não tenho. Já vou chegar atrasado. Vou até a área de serviço e arranco algumas roupas da secadora, que ainda está em funcionamento. Esqueci de ligá-la ontem à noite, mas não posso esperar, então agora tento vestir uma calça jeans úmida enquanto ando e torço para não tropeçar. Fazer o quê? Não estou surpreso.

Pego uma caneca do armário e a encho de café, tentando não derramá-lo sobre a bancada toda e me queimar no processo. Apoio a caneca na mesa da cozinha, ao lado de uma caixa de sapatos cheia de remédios de venda controlada, e nesse momento vejo meu avô sair do quarto dele. Está com os cabelos brancos tão desgrelhados que por um instante me lembra um cientista louco. Caminha devagar de um jeito preocupante, mas sei que é melhor não oferecer ajuda. Antes ele fazia e acontecia e agora não mais, e se ressentido de cada aspecto dessa perda.

– O café está na mesa – digo, pegando o chaveiro e me dirigindo para a porta. – Já deixei seus comprimidos prontos e os anotei na tabela. Bill chega daqui a uma hora. Tem certeza que vai ficar bem até lá?

– Não sou um inválido, Josh – retruca ele quase rosnando.

Tento não sorrir. Ele está bravo. Mas isso é bom. Faz tudo parecer um pouco normal.

Entro na minha picape e saio da garagem em questão de segundos, mas não sei se vai dar tempo. Não moro longe da escola, só que a fila para en-

trar no estacionamento no primeiro dia é sempre um saco. A maioria dos professores vai fazer vista grossa hoje, e eu nem preciso me preocupar com isso; atrasado ou não, ninguém vai me suspender. Piso fundo e, em poucos minutos, estou esperando para entrar no estacionamento. A sequência de carros serpenteia até a rua, mas pelo menos está andando.

Só dormi quatro horas e tomei apenas uma caneca de café. Gostaria de ter tido tempo de encher mais uma para levar, mas não deu, e de qualquer maneira era provável que a bebida acabasse derramando no meu colo até eu chegar à escola.

Enquanto espero, pego a grade de horários e dou mais uma olhada. A oficina é só no quarto tempo, mas pelo menos não é no fim do dia. Não dou a mínima para o resto.

Quando finalmente entro na escola, Drew está com seus seguidores de sempre, brindando-os com suas histórias inventadas sobre as férias de verão. Sei que são inventadas porque ele passou a maior parte do tempo comigo e posso garantir que não fez porra nenhuma. Tirando as ocasiões em que desapareceu com a garota da vez, ele estava no meu sofá.

Observando-o agora, acho que ninguém está mais feliz do que ele com a volta às aulas. Eu reviraria os olhos se isso não fosse coisa de menina, então apenas olho direto para a frente e continuo andando. Ele acena para mim com a cabeça quando passo e retribuo o gesto. Falo com ele mais tarde. Drew sabe que não chego nem perto quando ele está rodeado de gente. Ninguém me nota e eu passo entre a massa de gente, chegando ao pátio principal bem quando o sinal toca.

Minhas três primeiras aulas poderiam ser uma só. Só escuto as regras, pego programas e tento me manter acordado. Meu avô se levantou cinco vezes durante a noite, o que quer dizer que eu também me levantei cinco vezes durante a noite. Realmente preciso começar a dormir mais. *Daqui a uma semana você consegue*, penso com amargura, mas não perco tempo com isso.

10h45. Hora do almoço. Por mim, iria direto para a oficina. Acho um saco comer tão cedo. Vou até o pátio e garanto meu lugar no banco mais distante, o mesmo no qual me sentei nos últimos dois anos. Ninguém me incomoda porque é mais fácil fingir que eu não existo. Eu preferiria passar meia hora varrendo serragem do que ficar sentado aqui, mas ainda não há serragem para varrer. Pelo menos é cedo, então os bancos de metal não es-

tão em brasa por causa do sol. Agora só tenho que esperar trinta minutos, que provavelmente serão os mais longos do dia.

Nasty

Sobreviver. É o que estou fazendo agora e não tem sido tão horrível quanto eu esperava. Muitas pessoas me olham de rabo de olho, talvez por causa das minhas roupas, e fora isso ninguém fala comigo. Exceto Drew, o boneco Ken. Dei de cara com ele hoje cedo, mas não aconteceu nada de mais. Ele falou. Eu segui em frente. Ele desistiu. Consegui chegar até a hora do almoço e agora é o grande teste. Ninguém teve ainda grandes oportunidades de socializar, então consegui passar despercebida, mas a hora do almoço é uma dimensão do inferno praticamente sem supervisão. De início, a melhor opção parece ser evitar todo mundo, mas em algum momento vou ter que lidar com os olhares e comentários. Pessoalmente, eu preferiria enfiar um cacto na bunda, mas pelo jeito não tenho essa opção, então é melhor arrancar o Band-Aid de uma vez e acabar logo com isso. Depois eu acho um banheiro vazio para ajeitar o cabelo e retocar o batom – ou como nós, covardes, gostamos de falar, para me esconder.

Tento dar uma conferida discreta nas minhas roupas para ter certeza de que não há nada fora do lugar e de que não estou mostrando mais do que o planejado. Uso os mesmos saltos agulha de sexta, mas hoje vesti uma blusa sem manga preta decotada e uma saia quase inexistente, que valoriza a minha bunda. Deixei o cabelo solto, indo até abaixo dos ombros e escondendo a cicatriz na testa. Nos olhos, passei um delineador preto grosso. Pareço uma vadia e só devo atrair os seres humanos mais baixos de todos. *Drew*. Sorrio ao lembrar o jeito como ele me olhou da cabeça aos pés no corredor hoje cedo. Barbie ficaria furiosa se soubesse.

Não me visto assim porque goste muito nem por querer chamar a atenção das pessoas. Mas elas vão me olhar pelos motivos errados de qualquer maneira, então pelo menos eu posso escolhê-los. Além disso, receber alguns olhares indesejados é um preço baixo a pagar para afugentar todo mundo. Duvido que alguma garota desta escola queira falar comigo, e qualquer garoto que se interesse por mim provavelmente não vai ser para conversar. Então, e daí? Se é para receber atenção indesejada, é melhor que

seja por causa da minha bunda do que pela minha psicose e pela minha mão ferrada.

Margot ainda não tinha chegado em casa quando saí para a escola de manhã, senão teria tentado me convencer a não ir assim. Eu não a culparia. Acho que quando entrei na sala o professor do primeiro tempo quis me dar uma advertência por violar o código de vestimenta, mas, depois de ver meu nome na lista de presença, ele mandou eu me sentar e não me olhou mais até o fim da aula.

Três anos atrás, minha mãe teria dado um chilique, chorado, lamentado suas falhas como mãe ou possivelmente me trancado no quarto se me visse deste jeito na escola. Hoje, me olharia com ar de decepção mas perguntaria se isso me faz feliz, então eu concordaria com a cabeça e mentiria, e aí poderíamos fingir que isso não é um problema. Talvez as roupas nem fossem a pior parte. Acho que ela se importaria muito mais com a maquiagem do que com o uniforme de prostituta.

Minha mãe adora o rosto que tem. Não se trata de arrogância ou vaidade, mas de respeito. Ela é grata pelo que recebeu de nascença. E deveria ser mesmo. É um rosto fantástico, perfeito, etéreo. Do tipo que leva as pessoas a escreverem canções e poemas e bilhetes de suicídio. É o tipo de beleza exótica que deixa os homens dos romances obcecados, mesmo sem fazerem ideia de quem você seja, porque *eles precisam possuí-la*. Esse tipo de beleza. Assim é a minha mãe. Eu cresci querendo ser igualzinha a ela. Algumas pessoas dizem que sou, e talvez lá no fundo isso seja verdade, se alguém conseguir arrancar toda a maquiagem e me vestir como uma garota normal, o que é o oposto da minha aparência de agora – de uma dessas desclassificadas proferindo blasfêmias enquanto é arrancada à força de uma boca de crack num *reality show* policial.

Imagino a minha mãe balançando a cabeça e me dirigindo aquele olhar de decepção, mas ultimamente ela passou a escolher as batalhas, então não sei ao certo se ela criaria um caso comigo por isso. Ela está começando a acreditar que talvez eu seja uma causa perdida e isso é bom, porque sou mesmo, e saí de casa para ver se ela consegue aceitar esse fato. Eu já era uma causa perdida havia muito tempo. Esse pensamento me deixa triste pela minha mãe, porque ela não pediu nada disso. Ela achava que tinha conseguido o milagre que estava esperando, e eu era a única que sabia que não, por mais que desejasse lhe dar isso. Talvez eu é que o tenha roubado dela.

O que me traz de volta ao pátio, onde continuo esperando na beirada como uma convidada num episódio de *Evasiva extrema: edição ensino médio*. Meu plano era chegar aqui bem cedo para cruzar o pátio antes que o almoço estivesse a pleno vapor, mas fiquei presa na aula de história e esses três minutos fizeram a diferença entre um lugar semivazio e um fervilhando com os alunos que estou observando agora. Neste instante, me concentro nas lajotas de tijolo que cobrem a totalidade do perímetro, questionando seriamente se meus saltos agulha de 11 centímetros foram uma escolha inteligente. Estou calculando a probabilidade de chegar ao outro lado com a minha dignidade e os dois tornozelos intactos quando ouço uma voz à minha direita me chamar.

Eu me viro instintivamente, mas no mesmo instante sei que foi a decisão errada. Sentado num banco próximo está o dono da voz, olhando direto para mim. Está reclinado casualmente, com as pernas mais abertas do que o necessário, numa expressão ostensiva de otimismo. Ele sorri e é inegável: ele sabe que é bonito. Se a autoadoração fosse um perfume, ninguém conseguiria ficar ao lado desse garoto sem sufocar. Cabelos escuros. Olhos escuros. Como eu. Poderíamos ser irmãos ou um daqueles casais assustadores que parecem irmãos.

Sinto raiva de mim mesma por ter olhado. Agora, quando eu me virar, ignorando-o, e cruzar o campo de batalha, tenho certeza de que seus olhos – além de todos os outros naquele banco – estarão colados às minhas costas. E quando digo costas quero dizer bunda.

Volto a examinar a superfície instável do piso. Sem pressão. Me concentro nessa importante tarefa bem a tempo de ouvi-lo falar:

– Se está procurando um lugar para se sentar, meu colo está livre.

Pronto. Aí está. Não é inteligente nem original, mas os amigos igualmente pouco brilhantes riem mesmo assim. Lá se vão minhas esperanças de uma possível amizade. Começo a caminhar, mantendo os olhos firmes à frente, como se tivesse outro objetivo além de apenas sobreviver a estes passos.

Não cheguei nem à metade do dia. Ainda faltam quatro das sete matérias da minha grade de horários dos infernos.



Cheguei mais cedo à escola hoje para passar na secretaria e pegar minha grade de horários. Claro que, se eu soubesse o que encontraria lá, teria

adiado o inevitável. A secretaria estava uma loucura de novo, mas a Sra. Marsh, a orientadora educacional, tinha me instruído a ir até sua sala e pegar o horário direto com ela – mais uma das vantagens de ser eu.

– Bom dia, Nastya, Nastya – disse ela, repetindo meu nome com duas pronúncias distintas e olhando distraída para mim à espera de uma confirmação, que eu não dei.

Ela estava empolgada demais para o primeiro dia de aula – ou para as sete horas da manhã. Definitivamente, aquilo não era natural. Deve haver uma aula exclusiva para orientadores educacionais: *Como expressar alegria inapropriada frente ao horror adolescente*. Aposto que os professores não a frequentam, porque eles nem se dão ao trabalho de fingir. Metade deles parece tão infeliz quanto eu.

Ela fez um gesto para que eu me sentasse. Não obedeci. Minha saia era curta demais para me sentar numa cadeira sem uma mesa na frente. Ela me entregou um mapa da escola e minha grade de horários. Passei os olhos pelas matérias, procurando as eletivas, porque eu já sabia quais eram as disciplinas obrigatórias. *Isso só pode ser brincadeira*. Por um momento fiquei convencida de que ela tinha me dado o horário errado, então olhei o cabeçalho. *Não, é meu mesmo*. Eu não tinha certeza de como reagir àquela situação. Você sabe, quando o universo decide lhe dar mais um chute na bunda com uma bota de bico fino. Chorar estava fora de cogitação, e dar um chilique com gritos, risadas maníacas e palavrões com certeza não era uma possibilidade, então fiquei com a única opção disponível: o silêncio de perplexidade.

A Sra. Marsh deve ter captado o meu olhar. E aposto que foi bastante expressivo, porque no mesmo instante ela começou uma explicação detalhada sobre requisitos para a conclusão do ensino médio e matérias eletivas lotadas. Quase pareceu que estava se desculpando, e talvez devesse estar mesmo, porque aquilo foi realmente uma droga. Mas por um momento eu quase quis lhe dizer que estava tudo bem, para que ela não ficasse se sentindo tão mal. Eu vou sobreviver. Não são algumas matérias insignificantes que vão acabar comigo. Peguei a grade de horários, o mapa e meu horror abjeto e me encaminhei para a sala de aula, lendo e relendo o papel pelo caminho. Para meu azar, ele continuava igual todas as vezes.



A esta altura, estou quase na metade do caminho. Não está sendo muito ruim, relativamente falando – e tudo na minha vida é relativo. Os professores não são horríveis. A Sra. McAllister, professora de Inglês, até me olha nos olhos como se me desafiasse a esperar que ela me trate de um jeito diferente. Gosto dela. Mas o pior está por vir, então ainda está cedo para estourar o champanhe.

Além disso, também tenho que atravessar o vale de lágrimas que é o pátio. Admito que sou covarde, mas não posso evitar o problema por muito mais tempo. Já andei quase 2 metros e não estou me saindo tão mal. Me concentro no meu objetivo: a entrada para o prédio de Inglês, um grande portão duplo do lado oposto à minha nêmesis de lajotas de tijolo.

Observo tudo o que posso pela visão periférica. O pátio está lotado. E barulhento. Insuportavelmente barulhento. Tento fazer com que todas as conversas e vozes se dissolvam num som único, um murmúrio contínuo.

Há pequenos grupos em volta de todos os bancos, amontoados sobre eles e de pé, ao lado. Alguns alunos se sentam nas bordas dos canteiros de plantas distribuídos pelo pátio. Há ainda os espertos que se acomodam no chão, à sombra da passarela que contorna a área. Não há lugares suficientes para todos, é quase impossível se proteger do sol e está um calor infernal. Nem imagino o lixo que deve ser a lanchonete para tanta gente preferir ficar aqui fora suando. Minha escola antiga era a mesma coisa, mas eu nunca tinha que enfrentar a loucura da hora do almoço nem as decisões relacionadas a ela, como onde me sentar e com quem. Passava o intervalo inteiro praticando na sala de música, o único lugar onde eu queria estar.

Estou quase lá. Até agora, vi poucos rostos conhecidos: um garoto que estava na aula de história, sentado sozinho lendo um livro, e duas garotas da aula de matemática que estão dando risadinhas com a Barbie zangada da secretaria. Percebo alguns olhares em minha direção, mas, fora o babaca egocêntrico que me ofereceu o colo, ninguém mais falou comigo.

Ainda tenho que passar por mais dois bancos para chegar até o portão duplo, e é o da esquerda que chama a minha atenção. Só tem um garoto sentado nele, bem no meio. Poderia não parecer estranho se todos os outros bancos – aliás, todos os lugares em que alguém pudesse apoiar o traseiro – não estivessem ocupados. Mas não há ninguém naquele banco além dele. Olhando com mais atenção, percebo que não há ninguém nem sequer

nas imediações. É como se houvesse um campo de força invisível ao redor daquele espaço e ele fosse o único lá dentro.

A curiosidade me domina e, por um momento, esqueço o meu objetivo. Não consigo desviar os olhos do garoto. Está encarapitado no encosto do banco, as botas marrons e desgastadas plantadas com firmeza no assento. Está inclinado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, e usa uma calça jeans desbotada. Não dá para ver seu rosto direito. Os cabelos castanho-claros caem sobre a testa, desgrenhados, e ele está com os olhos baixos, na direção das mãos. Não está comendo, não está lendo, não está olhando para ninguém. Até que olha. Olha para mim. *Merda*.

Eu me viro no mesmo instante, mas é tarde demais. Não tinha olhado para ele só de relance. Estava plantada no meio do pátio encarando-o. Estou a alguns metros de distância do refúgio atrás daquele portão duplo e me arrisco a apertar o passo o máximo possível sem chamar a atenção. Chego à relativa proteção da sombra do edifício, seguro a maçaneta e puxo. *Nada*. O portão não se abre. Repito: *merda*. Está trancado. No meio do dia. Por que alguém trancaria o portão pelo lado de fora?

– Está trancado – diz uma voz abaixo de mim.

Não diga. Olho para baixo. Não tinha reparado no garoto com o caderno de desenho na mão, sentado no chão ao lado do portão. Está num lugar oculto por um grande canteiro, invisível para quem se encontra no pátio principal. Garoto esperto. Usa roupas velhas e seu cabelo parece não ver um pente há uma semana. Está sentado ao lado de uma garota de cabelo castanho, que usa óculos escuros na sombra e segura uma câmera. Ela me lança um breve olhar antes de voltar a prestar atenção na câmera. Não fossem os óculos escuros, ela passaria totalmente despercebida. Me pergunto se eu não deveria ter escolhido essa estratégia, mas agora é tarde demais para pensar nisso.

– Não querem que ninguém vá fumar nos banheiros na hora do almoço – diz o garoto do caderno de desenho, que está usando uma camiseta furada de show de rock.

Ah. O que será que acontece se você chega atrasado para a aula? Azar o seu, imagino. Olho para o bando de garotas perto da entrada do banheiro do pátio. Não, obrigada. Tento pensar em alguma outra rota de fuga quando percebo que ele ainda está com o pescoço esticado, olhando na minha direção. Ainda bem que não estou mais perto, ou sem dúvida ele enxergaria

por baixo da minha saia quase imaginária. Pelo menos estou usando uma calcinha bonita, que hoje é minha única peça de roupa que não é preta.

Dou uma olhada no caderno que ele tem na mão. O braço apoiado por cima não me deixa ver o que está desenhando. Fico querendo saber se ele tem algum talento. Eu não sei desenhar nada. Aceno com a cabeça em agradecimento e me viro para tentar encontrar outro lugar para ir. Antes de me afastar, duas garotas saem pelo portão a toda a velocidade, quase passando por cima de mim e me fazendo despencar dos meus sapatos fabulosos. Falam mil palavras por minuto e nem reparam na minha presença, o que acho ótimo, porque consigo me esgueirar por entre as portas assim que elas saem. Entro no refúgio fresco e vazio do prédio de Inglês e volto a respirar.

Capítulo 3

Job

Aguardo o quarto tempo ansiosamente. Já estou suado por ter ficado sentado no sol durante o almoço, mas na oficina também não tem ar-condicionado. Quando entro, na mesma hora me sinto em casa, ainda que o espaço esteja totalmente diferente do que era em junho. Não há ferramentas nem pedaços de madeira em todas as superfícies. Não há um tapete de serragem cobrindo o chão. Não há máquinas em funcionamento. O silêncio é que é enervante no início. Não deveria ser silencioso aqui, e só é assim nesta época do ano.

As primeiras semanas são uma revisão das normas sobre o uso de equipamentos e dos procedimentos de segurança que eu poderia recitar de cor se alguém pedisse. Ninguém pede. Todos sabem que já sei. Se eu quisesse, poderia dar esta aula. Largo os livros na mesa do canto mais distante, onde me sento todos os anos – pelo menos nos momentos em que devemos ficar sentados. Antes que eu puxe o banco que está debaixo da mesa, o Sr. Turner me chama.

Eu gosto dele, mas o Sr. Turner não liga para isso. O que ele quer é meu respeito, e o tem. Faço tudo o que ele manda. É uma das poucas pessoas que ainda esperam algo de mim. A esta altura, acho que aprendi tanto com ele quanto com meu pai.

O Sr. Turner ministra este curso desde sempre, muito antes de eu entrar, quando não passava de uma eletiva sem importância. Agora é um dos melhores cursos do estado. Ele o coordena como um negócio. Nas aulas avançadas, nosso trabalho paga os materiais e equipamentos. Re-

cebemos encomendas, e o dinheiro que conseguimos é reinvestido no curso.

Não se chega às aulas avançadas sem passar pelos níveis básicos, e mesmo isso não é garantia. O Sr. Turner só aceita os alunos que atendem às suas expectativas em termos de ética e competência. É por isso que as turmas do nível profissionalizante são tão pequenas. Só se entra com a aprovação dele, que, de tão bom que é, consegue fazer o que quer, mesmo numa escola de eletivas lotadas.

Quando chego à sua mesa, ele me pergunta como foi meu verão. Está tentando ser gentil, mas me conhece bem o suficiente para saber que não precisa se dar a esse trabalho. Sou aluno dele desde o nono ano. Ele sabe dos meus problemas e me conhece. Tudo que eu quero é construir móveis e ficar na minha, e ele me permite fazer as duas coisas. Respondo com o mínimo de palavras possível e ele assente com a cabeça, sabendo que a farsa já foi suficiente.

– O departamento de teatro precisa de prateleiras para o depósito de peças cênicas. Você pode ir lá, tirar as medidas, desenhar o projeto e fazer uma lista do material necessário? Não precisa ficar aqui para isso – diz ele, pegando uma pilha de papéis que deduzo serem cópias das normas e dos procedimentos e demonstrando certa dose de tédio e resignação. Ele também só quer construir móveis. Mas também não quer que ninguém perca um dedo. – No fim da aula, me mostre o que tiver preparado e eu arranjo o que for necessário. Acho que você termina isso em uma semana, mais ou menos.

– Tudo bem.

Tento não sorrir. O blá-blá-blá preliminar é a única parte chata deste curso, e acabo de ser liberado. Tenho algo para construir, mesmo que sejam só prateleiras. E posso fazer isso longe de todo mundo.

Rabisco minha assinatura no fim do termo de responsabilidade e o devolvo a ele. Então pego meus livros, justo quando alguns outros garotos entram na sala. Não deve ter muita gente nesta turma – talvez pouco mais de uma dezena de alunos. Conheço todo mundo que chegou até agora, menos uma pessoa: a garota do pátio, a que ficou me olhando. Não é possível que ela esteja nesta aula. E ela deve pensar o mesmo, a julgar por sua expressão ao observar o ambiente, examinando atentamente desde o teto alto até o maquinário industrial. Ela estreita um pouco os olhos com ar

de curiosidade, mas é tudo o que eu vejo, pois desta vez ela se vira e me pega olhando para ela.

Eu observo muito as pessoas. Normalmente isso não é um problema, porque ninguém costuma olhar para mim e, quando olha, tenho muita prática em desviar o olhar depressa. Bem depressa. Mas não é que essa garota foi mais rápida? Sei que ela é aluna nova. Se não for, passou por alguma transformação drástica e lamentável durante o verão, pois conheço quase todo mundo desta escola e, ainda que não conhecesse, não me esqueceria da garota que vem para a aula parecendo uma prostituta zumbi. De qualquer jeito, saio pela porta dez segundos depois e tenho certeza de que até eu voltar já vão ter corrigido a grade de horários dela.

Eu me escondo no depósito do teatro durante todo o quarto tempo, medindo e esboçando projetos e listas de materiais para as prateleiras que eles precisam. Não há nenhum relógio por aqui e ainda não terminei quando o sinal toca. Enfio o bloco de anotações na mochila e me dirijo ao prédio de Inglês. Chego à sala da Sra. McAllister e passo por todos os que ainda estão perambulando pelo corredor, aproveitando até os últimos segundos para socializar antes da próxima aula. A porta se abre e a professora levanta o olhar quando eu entro.

– Aaah, Sr. Bennett, por aqui mais uma vez.

Fui aluno dela no ano passado. Devem tê-la transferido do segundo para o terceiro ano.

– Sim, senhora.

– Educado como sempre. Como foi seu verão?

– É a terceira pessoa que me pergunta isso hoje.

– Isso não é resposta. Tente de novo.

– Quente.

– Sempre loquaz. – Ela sorri.

– Sempre irônica.

– Pelo jeito a consistência é nosso ponto forte.

Ela se levanta e se vira para pegar a lista de presença e três pilhas de folhas de papel que estão sobre o arquivo atrás dela.

– Poderia trazer aquela carteira aqui para a frente? – Ela aponta para uma carteira bamba no canto da sala. Largo minhas coisas num assento no fundo e vou pegar a carteira quebrada. – Coloque ali na frente – diz, apon-

tando para o quadro branco. – Só preciso de um lugar para pôr isto tudo enquanto falo. – Ela apoia as pilhas de papéis na carteira no momento em que o sinal toca.

– A senhora precisa de um pódio.

– Josh, tenho sorte de ter uma mesa com uma gaveta que funciona – retruca ela com exasperação forçada enquanto caminha até a porta aberta da sala e emenda: – É melhor vocês entrarem antes de o segundo sinal tocar, seus paspalhos, porque não tenho o menor problema em dar advertências no primeiro dia de aula e marco a detenção para a parte da manhã, antes da primeira aula, não à tarde.

Ela diz as últimas palavras cantarolando, enquanto uma massa de alunos se atropela para entrar na sala antes de o sinal de atraso tocar.

Com a Sra. McAllister não tem conversa. Ela não se deixa intimidar pelos alunos populares nem pelos filhos de pais ricos, e não quer ser amiguinha de ninguém. No ano passado, conseguiu me convencer de que aqui de fato havia algo que valia a pena aprender sem me obrigar a falar na aula nem uma vez.

De modo geral, tenho dois tipos de professores. Há aqueles que me ignoram completamente e fingem que eu não existo e aqueles que me chamam e atraem a atenção para mim porque acham que isso é bom para mim – ou talvez por sentirem alguma espécie de barato por poderem fazer isso. A Sra. McAllister não é nenhum dos dois tipos. Ela me deixa em paz sem me ignorar. Então, para uma professora, está muito perto da perfeição.

Ela começa a fechar a porta no instante exato em que Drew se esgueira pela fresta.

– E aí, Sra. McAllister, como vai?

Ele sorri e pisca, sem a menor vergonha na cara.

– Imune a seus encantos, Sr. Leighton.

– Algum dia nós vamos recitar poesia um para o outro.

Ele se senta na única carteira vazia, bem na frente da sala.

– Não tenho dúvida. Mas só vamos estudar poesia no próximo semestre, então peço que guarde seus sonetos até lá. – Ela volta até sua mesa, retira da gaveta uma folhinha de papel amarelo e se dirige até ele de novo.

– Mas não fique triste. Temos, sim, um encontro. Amanhã cedo. Às 6h45. No laboratório de informática.

Ela pisca de volta para ele ao pôr na carteira o aviso de detenção.

A oficina do quarto tempo não foi tão horrível assim. O Sr. Turner quase não prestou atenção em mim, o que, numa turma de catorze alunos, é bem difícil. Logo de cara, ele verificou minha grade de horários para ter certeza de que eu estava no lugar certo e depois me perguntou por que me inscreveram para aquela aula. Dei de ombros. Ele também. Então me devolveu o papel e disse que eu não estaria no mesmo nível dos outros, mas que, se quisesse mesmo ficar, ele poderia me deixar como assistente ou algo assim. É óbvio que não faz questão de que eu participe, mas acho que vou ficar. É uma turma pequena em que provavelmente vão me deixar em paz, o que é o máximo que posso pedir no primeiro dia.

Chego ao quinto tempo sem ter que encarar nenhum daqueles jogos ridículos para as pessoas se apresentarem, o que acaba acontecendo na bosta da aula de Música – matéria da qual preciso me livrar de qualquer maneira. A professora, a Srta. Jennings, uma mulher bonitinha de 20 e poucos anos, cabelo loiro curto, pele pálida e mãos odiosamente perfeitas de pianista, faz a gente se sentar em círculo. Um *círculo*, tipo no ensino fundamental. Isso nos dá a oportunidade de ficar no ângulo ideal para observar e, em consequência, dissecar uns aos outros. Ah, e de nos conhecermos, claro. Isso também.

Para um jogo de apresentação, até que este não é dos piores que já encontrei. Cada um tem que dizer três coisas sobre si, e uma delas deve ser mentira. Então a turma tenta descobrir qual é a mentira. Dá até certa pena o fato de que, na verdade, eu não vou participar do jogo, porque, se participasse, seria muito maneiro. Eu daria qualquer coisa para ouvir meus colegas e a professora loirinha adorável debaterem a possível veracidade de cada uma das minhas respostas:

Meu nome é Nastya Kashnikov.

Eu era uma pianista prodígio que não deveria estar nem perto de uma aula de Introdução à Música.

Fui assassinada há dois anos e meio.

Debatam.

Em vez disso, quando chega a minha vez, fico calada, o rosto impassível. A Srta. Jennings me encara com ar de expectativa. *Verifique a lista de presença.* Ela continua me olhando. Eu olho para ela. Está rolando uma

estranha troca de olhares entre nós. *Verifique a lista de presença. Eu sei que eles contaram a você.* Tento explicar por telepatia, mas meus superpoderes deixam a desejar.

– Que tal nos dizer três coisas sobre você? – pergunta ela como se eu fosse uma idiota que não entende o que está acontecendo à sua volta.

Finalmente, dou uma mãozinha e balanço a cabeça de maneira quase imperceptível. *Não.*

– Vamos lá, não seja tímida. Todos já falaram. É fácil. Não precisa revelar seus segredos mais obscuros nem nada – continua ela, com bom humor.

Que bom, porque é provável que meus segredos mais obscuros lhe deem pesadelos.

– Pode pelo menos nos dizer o seu nome? – pergunta ela por fim, obviamente não querendo medir forças comigo.

Ela está ficando sem paciência e tenta disfarçar.

Balanço a cabeça mais uma vez. Continuo sem desviar o olhar e acho que estou começando a assustá-la um pouco. Sinto um pouco de pena, mas ela devia ter olhado a lista de presença antes da aula. Todos os outros professores fizeram isso.

– Ceeeeerto... – Ela arrasta a palavra e seu tom de voz muda. Ela realmente está começando a ficar irritada, mas, até aí, eu também. Observo as raízes escuras de seus cabelos, pois são algo em que posso me concentrar enquanto a cabeça dela está baixa, olhando o que suponho ser a lista de presença numa prancheta à sua frente. – Vamos por eliminação. Você deve ser...

– Ela faz uma pausa, seu sorriso hesita só um pouquinho e eu sei que a ficha caiu, pois ela torna a me olhar e diz: – Mil desculpas. Você deve ser Nastya.

Desta vez eu faço que sim com a cabeça.

– Você não fala.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br